

A representação dos atores sociais

Marcela Moura Torres *

Resumo:

Fundamentando-se em Van Leeuwen (1997), a realização de representações dos atores sociais num discurso deixa claro as intenções do autor e “podem ser includentes ou excludentes para servir os interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem” (Van Leeuwen, 1997:180). Neste trabalho, as inclusões e exclusões dos atores sociais foram analisadas especificamente em dois textos diferentes: uma fábula e uma nota de jornal.

A representação dos atores sociais consiste em uma das formas de observar a identidade social, ou seja, através da realização destas representações pode-se perceber a utilização de estratégias que atendem os propósitos do autor, seja de dar destaque ou de excluir os atores sociais de seu texto. A escolha dos textos “Os urubus e sabiás” e “Um belo com muita classe” aconteceu pelo fato destes pertencerem a gêneros textuais diferentes e possuírem maneiras distintas de representarem os atores sociais de acordo com os fins desejados conforme mostra a análise. O primeiro texto trata-se de uma crônica em forma de fábula do autor Rubem Alves que foi extraída do livro “Estórias de quem gosta de ensinar” e o segundo trata-se de uma nota de destaque do jornal Folha de Pernambuco do dia 16/11/99.

1. Fundamentação Teórica

A realização de representação dos atores sociais num discurso deixa claro as intenções do autor e “podem ser includentes ou excludentes para servir os interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem” (Van Leeuwen, 1997:180).

A exclusão pode dar-se por supressão ou encobrimento (colocar em segundo plano). No primeiro não há qualquer referência aos atores sociais em questão em qualquer parte do texto, podendo realizar-se através do apagamento do agente da passiva, de orações infinitivas que funcionam como um participante gramatical, do apagamento dos atores sociais que se beneficiam de uma atividade, das nominalizações e dos nomes de processo que permitem, igualmente, a exclusão de atores sociais. No segundo, que pode resultar de simples elipses ocorridas em orações infinitivas e coordenadas, a exclusão é menos radical, pois os atores sociais excluídos podem não ser mencionados em relação a uma dada atividade, mas são mencionados em outros lugares no texto, ou seja, “empurrados para segundo plano”(Van Leeuwen, 1997:181).

Esclarece Van Leeuwen (1997:219) que a inclusão pode realizar-se das seguintes maneiras: ativação, passivação, participação, circunstancialização, possessivação, personalização, impersonalização, genericização, especificação, assimilação, associação, dissociação, indeterminação, diferenciação, nomeação, categorização e

* Trabalho desenvolvido no Projeto Integrado: “Fala e Escrita: Características e Usos II” e mais especificamente, no subprojeto “Identidade Social”, sob a orientação da profa. Judith Hoffnagel, em 2000.1.

sobredeterminação. Neste estudo, deter-me-ei nas seguintes formas: ativação, passivação, assimilação, categorização e indeterminação, pois são justamente estas que são utilizadas pelos autores do texto.

Enquanto a ativação, ocorre quando os atores sociais são representados como forças ativas e dinâmicas numa atividade. A passivação, por sua vez, acontece quando os atores são representados como submetendo-se a atividade, ou como sendo receptores dela. Desta forma, pode-se dizer, em relação à inclusão, que as representações podem dotar os atores sociais quer com papéis ativos (ativação), quer com papéis passivos (passivação) de acordo com as relações sociais entre os participantes. A assimilação ocorre quando os atores sociais são referidos como grupos; existindo dois tipos principais: a agregação (os grupos de participantes vêm quantificados) e a coletivização (os grupos de participantes são retratados de uma forma coletiva). Por sua vez, a categorização acontece quando os atores sociais podem ser representados quer em termos de identidade (identificação) quer em termos de funções que partilham com os outros (funcionalização). Por fim, a indeterminação ocorre quando os atores sociais são representados como indivíduos ou grupos não-especificados ou "anônimos".

2. Aplicação prática

Os textos abaixo, foram selecionados para a análise das representações que incluem e excluem os atores sociais. "Os urubus e sabiás" e "Um belo com muita classe" pertencem a gêneros textuais diferentes e apresentam maneiras distintas de representarem os atores sociais de acordo com os fins desejados.

Para a realização da análise foram utilizados os códigos abaixo, que vêm antes do termo a ser analisado:

- (0.1) = exclusão por encobrimento
- (0.2) = exclusão por supressão
- (0.1) = inclusão por ativação
- (0.2) = inclusão por passivação
- (0.3) = inclusão por categorização
- (*) = inclusão por assimilação

Os urubus e sabiás

"Tudo aconteceu numa terra distante, no tempo em que os (2.1) *bichos* falavam...(*) Os *urubus*, (2.3) *aves por natureza becadadas*, mas sem grandes dotes para o canto, (1.1) *decidiram* que, mesmo contra a natureza, eles (1.1) *haveriam* de se tornar grandes cantores. E para isto (1.1) *fundaram* escolas e (1.1) *importaram* (2.2) *professores*, (1.1) *gargarejaram* do-ré-mi-fá, (1.1) *mandaram* imprimir diplomas, e (1.1) *fizeram* competições entre si, para ver quais deles (1.1) *seriam* os mais importantes e (1.1) *teriam* a permissão para mandar nos outros. Foi assim que eles (1.1) *organizaram* concursos e se (1.1) *deram* nomes pomposos, e o sonho de cada urubuzinho, instrutor em início de carreira, era se tornar um respeitável urubu titular, a quem (2.2) *todos* chamam por Vossa Excelência. Tudo ia muito bem até que a doce tranqüilidade da hierarquia dos urubus foi estremecida. A floresta foi invadida por (2.1) *bandos de*

pintassilgos tagarelas, que brincavam com os canários e faziam serenatas com os sabiás... Os velhos (2.1) *urubus* entortaram o bico, o rancor encrespou a testa, e eles convocaram (2.2) (*) *pintassilgos, sabiás e canários* para um inquérito.

"_ Onde estão os documentos dos seus concursos?" E (2.1) *as pobres aves* se olharam perplexas, porque nunca (1.2) *haviam imaginado* que tais coisas houvesse. Não (1.2) *haviam passado* por escolas de canto, porque o canto nascera com elas. E nunca (1.2) *apresentaram* um diploma para provar que (1.2) *sabiam* estudar, mas (1.2) *cantavam* simplesmente...

- Não, assim não pode ser. Cantar sem a titulação devida é um desrespeito à ordem.

E os (2.1) (*) *urubus*, em uníssono, expulsaram da floresta os (2.1) (2.2) (*) *passarinhos* que cantavam sem alvarás..."

Moral: Em terra de *urubus* diplomados não se ouve canto de sabiá.

Analisando a exclusão, pode-se observar que as orações destacadas de código (1.1) representam, claramente, a exclusão por encobrimento, pois o sujeito destas orações (*urubus*) é mencionado em outros lugares no texto de modo que se consegue inferir quem eles são.

As demais orações de código (1.2) também apresentam a exclusão por encobrimento, só que o sujeito destas orações é (*pobres aves*), pois assim como nas orações de código (1.1) acima, nestas orações "*as pobres aves*" são mencionadas em outro lugar no texto, fazendo com que haja a possibilidade de inferir quem elas são. Com relação a este sujeito, observa-se que este encontra-se identificado de outras formas, primeiramente, *pintassilgos, sabiás e canários* que no decorrer do texto são referidos como *pobres aves* e depois como *passarinhos*. Nota-se claramente uma estratégia de gradação na identificação destas aves que revela a intenção do autor de mostrar uma certa "falta de esperteza" destas aves em relação aos *urubus*.

Com relação à inclusão, foi observado como se apresenta a representação (agente/paciente) dos atores textuais. Encontram-se com papéis ativos os destaques de código (2.1) "*bichos*" são ator em relação ao processo de falar, "*bandos de pintassilgos tagarelas*" são ator em relação ao processo de brincar e são, também, ativados em relação a invadir. "*Os velhos urubus*" são ator em relação ao processo de entortar, "*as pobres aves*" são ator em relação ao processo de olhar, "*urubus*" são ator em relação ao processo de expulsar e "*passarinhos*" são ator em relação ao processo de cantar.

Também foi detectado ocorrências de passivações nos destaques de código (2.2) "*professores*" são receptores da ação de importar, "*pintassilgos, sabiás e canários*" são receptores da ação de convocar e "*passarinhos*" são receptores da ação de expulsar.

Vale salientar que "*passarinhos*", códigos (2.1) e (2.2) comportam-se tanto como ativadores e passivadores, pois estes são atores em relação ao processo de cantar e são receptores da ação de expulsar. Já os *urubus* são sempre colocados como ativadores pelo autor cujo intuito é a ênfase destas aves em relação as *pobres aves* (*pintassilgos, sabiás e canários*).

Nos destaques de código (*) pode-se dizer que os atores sociais estão referidos

como grupos, de forma coletiva, logo ocorre uma assimilação por coletivização.

Já o código (2.3) traz a categorização por identificação que se dá através da classificação (origem dos urubus = “aves por natureza becadas”).

Realizada a análise, percebe-se que as intenções do autor do texto são refletidas explicitamente na maneira como se realiza a representação dos atores sociais. Um fato interessante que se sobressai é a presença das inclusões através da passivação, na maior parte dos casos, aplicadas aos pintassilgos, sabiás e canários. Esta estratégia revela o propósito do autor que é, através da confrontação “urubus X pintassilgos, sabiás e canários”, mostrar o papel, a situação “importante, superior e de destaque” dos urubus em relação às pobres aves.

Um belo com muita classe

Por Simone Lima

Se não fosse tão (2.3) “*moreno, alto, bonito e sensual*”, certamente ninguém o perceberia no meio de tanta gente. Muito discreto, mas sempre extremamente atencioso, passeou como qualquer outro mortal pelos camarotes. Num momento de descontração quando assistia à passagem do bloco Nana Banana, pela avenida – ele até arriscou dançar o axé – (2.1) *Szafir* falou sobre as críticas que tem recebido (1.2) sobre sua atuação em *Você Decide*. “Realmente, fazer a apresentação do *Você Decide* não é o sonho de nenhum ator, mas (2.1) *eu* fiquei muito feliz de ter sido convidado (1.2) para fazer uma coisa diferente”. Ele ainda adiantou: “muito em breve, eu estarei de volta às telinhas”.

Com relação a este texto pode-se dizer que as orações (1.2) são casos clássicos da exclusão por supressão, pois através do apagamento do agente da passiva, não se sabe da parte de quem, ou seja, quem foi o autor das críticas que *Szafir* tem recebido e nem por quem o autor foi convidado para fazer a apresentação do programa *Você Decide*.

Já a inclusão está presente no código (2.1), no primeiro “*Szafir*” é ator em relação ao processo de falar e no segundo “*eu*” é ator em relação ao processo de ficar.

E por fim, o destaque de código (2.3) enquadra-se na representação por categorização através da identificação física.

Mais uma vez é possível notar, na maneira como se realiza a representação dos atores sociais, os propósitos da autora que é exaltar, enfatizar a figura do ator Luciano *Szafir*, suas ações, seus atributos físicos, não dando importância (através da exclusão por supressão) às pessoas que o criticam e ocultando as pessoas que o convidam para a apresentação do programa *Você decide*.

Conclusão

Neste estudo, foram encontradas as representações dos atores sociais por exclusão através da supressão e do encobrimento e por inclusão através da ativação, passivação, assimilação e categorização.

Em vista do exposto, conclui-se que as exclusões e as inclusões possuem uma grande importância textual, pois apresentam efeitos, que revelam os propósitos do

autor através da realização da representação dos atores sociais, bem como possibilitam uma interpretação geral do que está escrito.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem (1984). *Estórias de quem gosta de ensinar*. São Paulo, Cortez.
- LIMA, Simone. *Um belo com muita classe*. Folha de Pernambuco. Recife, p.2, 16 nov.
- VAN LEEUWEN, Theo (1997). A representação dos atores sociais. In Emília Ribeiro Pedro, (org.). *Análise crítica do discurso*. Lisboa, Canunho, pp. 169-222.

